

DÍVIDA EXTERNA

JORNAL DA TARDE

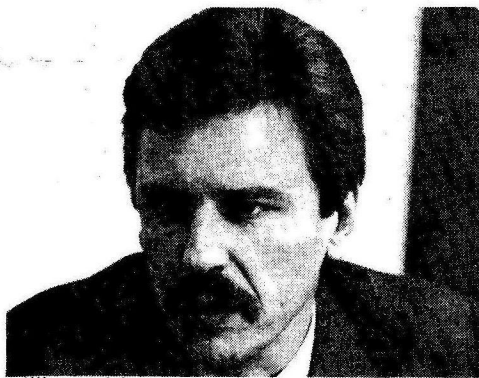
Contas de Milliet: Brasil precisa de US\$ 4 bi.

É possível manter as reservas cambiais estáveis até o final do ano, com um caixa entre US\$ 3 e US\$ 4 bilhões, como ocorre hoje. Para isso acontecer, porém, o Brasil precisará de mais de US\$ 4 bilhões de dinheiro novo, além de um superávit comercial da ordem de US\$ 8 bilhões — tudo para fazer frente às obrigações com o serviço da dívida externa e com o envio de capital para o Exterior. A conta é do presidente do Banco Central, Fernando Milliet. Ele está otimista quanto à possibilidade dessa performance brasileira.

Segundo Milliet, parte do empréstimo deverá ser captado através da abertura de linhas de crédito por parte de bancos oficiais do Exterior, componentes do Clube de Paris. Para isso, depende de um relatório positivo sobre a política econômica brasileira a ser formulada pela missão do Fundo Monetário Internacional, que está no País e cujo chefe da Divisão do Atlântico Sul, Thomas Reichmann, se encontra hoje com o ministro da Fazenda, Bresser Pereira.

O ministro está otimista. Quer o encontro, embora deixe claro que isso não significará concessão. "Representará um avanço importante, porque demonstrará que estamos dispostos a negociar com nossos credores", afirmou ontem Bresser Pereira. Não explicou, porém, porque o encontro representará um avanço. Mas técnicos do Ministério da Fazenda observaram que a reunião de hoje será a primeira, em pouco mais de dois anos, entre o principal renegociador da dívida brasileira e uma missão técnica do FMI.

Seu antecessor, Dílson Funaro, nunca recebeu uma missão técnica. E o primeiro ministro da Fazenda do governo José Sarney, Francisco Dornelles, teve um encontro apenas protocolar em abril de 1986, repassando o compromisso para uma comissão especial chefiada pelo seu secretário-geral,



Milliet: a visita do FMI é rotina.

Sebastião Marcos Vital. Funaro afirmou várias vezes que o ministro de Estado não devia sentar-se com técnicos do FMI, apenas com o diretor-gerente da instituição. Mas Bresser sentará. Este gesto simbólico, segundo os técnicos da Fazenda, demonstrará a maior flexibilidade do Brasil para com a instituição.

Bresser antecipou que discutirá com os técnicos do FMI o relacionamento do Brasil com a instituição dentro do seu artigo N° 4. Este artigo regula o relacionamento considerado "normal" dos países membros com a direção do FMI e prevê relatórios anuais sobre o desempenho da economia de cada um. No relacionamento previsto pelo artigo 4 não é feita nenhuma carta de intenção dos países ao Fundo, relacionando metas a serem atingidas através de planos de ajustes, quase sempre recessivos.

O ministro ressaltou que a missão do FMI coletará dados sobre a economia e das medidas que o governo já divulgou até agora dentro de sua gestão. Observou que não submeterá a missão o plano de ajuste macroeconômico a ser anunciado em maio.

Esta decisão também foi enfatizada pe-

lo presidente do Banco Central, Fernando Milliet. Ele acredita ainda que a missão do FMI fará um relatório favorável sobre a política econômica brasileira e com isso o Brasil conseguirá novos empréstimos externos. "Apesar dos choques provenientes de um processo de inflação acumulada, isto não quer dizer que os patamares não podem ser modificados pela política a ser adotada", disse Milliet, justificando sua perspectiva positiva quanto à vinda da missão do FMI, segundo ele, meramente de rotina. "A missão vem como parte de uma rotina. Não existe nada com relação a uma possível celebração de acordo ou interferência do órgão no programa de governo", garantiu o presidente do Banco Central, referindo-se ao programa macroeconômico que vem sendo elaborado por técnicos do governo e que, segundo ele, deverá estar pronto até o final deste mês.

Milliet explicou que o programa econômico visará, em especial, a geração de superávits superiores aos alcançados nos últimos meses e, ainda, deter o déficit público sem que as medidas adotadas reflitam um quadro recessivo. Neste sentido, um dos caminhos que o governo pretende seguir, ainda conforme Milliet, será o de recompor os preços dos serviços públicos, desajustados nestes dois últimos anos.

Missão no Rio

A situação da dívida pública, os dados da balança comercial e suas perspectivas, as despesas do País com importações de petróleo, a política monetária e o orçamento público constituíram os pontos principais da análise dos indicadores econômicos do País, a que se dedicou, ontem, no Rio, a missão técnica do FMI.

Segundo fontes do Banco Central, essa análise é de rotina. Não está relacionada com um possível acompanhamento da economia brasileira pelo Fundo.

A Sandoz programa novos investimentos no Brasil

A Sandoz continuará investindo no Brasil e, só este ano, gastará US\$ 15 milhões para ampliar sua capacidade produtiva, modernizar suas unidades industriais e executar projetos de preservação ambiental. Ontem o presidente mundial da Sandoz,

Marc Moret, esteve em Brasília e foi recebido pelo ministro da Indústria e do Comércio, José Hugo Castelo Branco, a quem comunicou os projetos da empresa. O grupo Sandoz está no País há 50 anos e tem cinco empresas atuando nas áreas de

corantes, pigmentos, produtos químicos, farmacêuticos, agroquímicos e alimentares. No setor farmacêutico, a Sandoz vem produzindo insumos básicos, garantindo exportações e a substituição de importações, tanto do grupo Sandoz como de outras empresas.